

## ATITUDES PERANTE A MORTE ATRAVÉS DE TESTAMENTOS DO CONCELHO DE PEDRÓGÃO GRANDE

(1827 - 1849)

Rosa Maria Magna Pereira  
Elsa Margarida Tocha \*

O nosso trabalho foi feito tendo por base o levantamento de testamentos no concelho de Pedrógão Grande, no período que medeia 1827-1849.

Fizémos o levantamento dos documentos desse período, que perfazem a soma de dez. Sendo assim, todo este nosso estudo é baseado na análise do seu conteúdo.

Para melhor se situarem no contexto deste trabalho, começaremos por abordar, em linhas gerais, a perspectiva histórica do acto de testar em Portugal.

Assim, até ao séc. XVIII, a morte era considerada como um processo muito natural e sobretudo muito lento, pois apenas os casos de guerra permitiam um processo de morte mais rápido.

Mas, a partir deste século, a morte passa a ser encarada como algo que era preciso afastar o mais tempo possível, dando lugar a uma atitude que defendia a vida. "*Deus nos deu a vida para a preservarmos*", dizia-se.

É no seguimento desta ideia que são reformuladas as leis que contemplam a forma de testar. Marca esta reformulação a lei de 9 de Setembro de 1769 que vem actualizar as leis até aqui existentes.

Uma das formas de encarar a morte traduzia-se no recurso aos testamentos, entendidos como um "*passaporte para o céu*", como lhe chamou Philippe Ariés.

A percepção da etapa final da vida traduz-se assim em dois planos distintos, um — o espiritual — que visa a salvação da alma; o outro — o material — que visa a protecção da velhice.

Interessando-nos a nós sobretudo o plano espiritual, passaremos de seguida à apresentação das conclusões a que chegámos pela análise dos testamentos do concelho de Pedrógão Grande, no período de 1827 - 1849.

---

\* Alunas do Ensino Básico, variante Português-Francês, da Escola Superior de Educação de Leiria.

Havia uma grande preocupação por parte dos testadores em salvar a alma quando fossem para o *"outro mundo"*. Por isso todos os testamentos começavam por invocar santos da sua devoção, o que traduz também uma forte manifestação de religiosidade, apelando à ajuda dos santos para a salvação da alma.

Entre as preocupações de como entrar no *"outro mundo"*, as missas desempenhavam um papel de destaque e estão sempre presentes nos testamentos. A sua função passa essencialmente por interceder junto dos santos; passa também, pelo menos momentaneamente, por obrigar os vivos a lembrar o morto; e por último, têm a função de levar o herdeiro a, publicamente, demonstrar o seu agradecimento pelos bens recebidos.

No entanto, à medida que o grau de parentesco se vai afastando, o número de missas pedidas vai diminuindo. Reforça esta atitude os laços familiares que existem entre a família numa vida terrena e que se vinham acentuando desde o princípio do séc. XVIII, havendo como que uma tentativa de transpor estes laços para o desconhecido.

A maior parte dos testadores da nossa amostra deixa estipulado o preço das missas, que varia entre os 120 e os 200 réis, o que vem solidificar a preparação e organização da morte, traduzindo, para além disso, uma tentativa do indivíduo se purgar completamente de todos os pecados cometidos em vida. Ao contrário do que se possa pensar, as pessoas não fazem testamentos apenas quando estão doentes. Também o fazem sendo pessoas sadias como forma de dispor os bens segundo a sua vontade e, ao mesmo tempo, permitindo um meio seguro de que a transmissão dos mesmos bens se faça num quadro de pessoas escolhidas pelo testador.

Nesta nossa amostra a prescrição do tipo de funeral que se quer vir a ter vem bem explícita no respectivo testamento. Nessa prescrição englobava-se as esmolas aos pobres, que funcionam aqui como que uma instituição que garante a absolvição dos pecados; essa gratificação constava de géneros ou de dinheiro. Durante o período por nós analisado, o maior número de indivíduos contemplados é constituído pelos pobres, o que nos indica a atitude manifestada pelos testadores ao querer com isso *"comprar o céu"*.

Contemplam em primeiro lugar os ascendentes directos (tais como filhos, irmãos, sobrinhos) e, em segundo lugar, outros indivíduos e instituições (tais como cunhados, afilhados, criados, pobres e igrejas), revelando-se assim a morte como um reforço das relações de amizade e de gratificação aos vivos pelos serviços e cuidados prestados.

Para terminar podemos aplicar o conceito de *"boa morte"* segundo Patrícia Goldey. Este conceito de *"boa morte"* pressupunha que se resistisse à tentação do desespero ou do orgulho bem como ao arrependimento dos pecados cometidos. Para além dos aspectos metafísicos havia também um lado muito prático nesta questão de *"boa morte"*: morrer bem, prevenido na cama, permitia

que uma pessoa se preparasse para a morte com uma cerimónia adequada e tradicional e que deixasse determinados assuntos arrumados, como por exemplo: perdoar os inimigos, abençoar os amigos e as crianças e liquidar as dívidas. Morrer bem, tal como viver bem, não é uma actividade solitária, por isso uma pessoa precisa de associados, de cúmplices, de testemunhas.

A *"boa morte"* era reveladora da preocupação com a transmissão da propriedade e com a salvação individual.

Quanto aos testamentos podemos então concluir que para o indivíduo a principal preocupação é a busca da segurança, o ficar livre dos tormentos do inferno, e, simultaneamente, a garantia de transmitir os seus bens, poucos ou muitos dentro de um círculo de pessoas que, por qualquer razão, eram por si seleccionadas.